



A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR

Importance of the practice of Reading in Higher Education

Janderson Gustavo Soares de Almeida¹
Clodoaldo Matias da Silva²

Resumo

O presente trabalho busca uma reflexão acerca da ausência da prática de leitura, fato recorrente e relevante encontrado entre os acadêmicos de qualquer instituição de Ensino Superior. O motivo de estes fatos estarem sendo apresentados nos levam a crer que a falta de incentivo à leitura, ou a sua ausência, vem de longa data, desde o âmbito familiar, perpassando o primeiro contato com o ambiente escolar, e chegando aos dias atuais. Em consequência da própria evolução da tecnologia que nos cerca, indivíduo se lançou à praticidade e deixou de praticar algumas atividades, tais como a leitura de livros, jornais e revistas, fatores que enriquecem o vocabulário, o conhecimento e o desempenho dos estudantes. O trabalho foi baseado em pesquisa bibliográfica e discussão sobre a temática proposta. A leitura é um fator primordial para a aprendizagem, o que consequentemente contribui para o desempenho e formação tanto intelectual quanto profissional dos acadêmicos do Ensino Superior, tornando-os indivíduos que melhor irá compreender toda a realidade social.

Palavras-chave: Leitura; Acadêmicos; Ensino Superior.

Abstract

This text seeks a reflection on the absence of reading practice, a recurring and relevant fact found among the academics of any Higher Education institutions. The reason for these facts being presented lead us to believe that the lack of reading incentive, or its absence, has been long-standing, from the family scope, passing through the first contact with the school environment, and reaching the present day. As consequence of the technological evolution that surround us, the individual set himself to the practicality, failing to practice some activities, such as reading books, journals and magazines, factors that enrich the students' vocabulary, knowledge and performance. The work was based on bibliographical research and discussion about the proposed theme. Reading is a key factor for learning, which consequently contributes to both intellectual and professional performance and training of the Higher Education academics, making them individuals who will best understand the whole social reality.

Key-words: Reading; Academics; Higher Education.

¹ Graduado em História pela Universidade Leonardo da Vinci. Pós-graduando do Curso de Docência do Ensino Superior pela Universidade Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). E-mail: gustavo.soares.mao1@gmail.com

² Graduado em Geografia pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE. Pós-graduando do Curso de Especialização em Educação do Campo pelo Instituto Federal do Amazonas. E-mail: cms.1978@hotmail.com.



Introdução

Para elaborar este artigo foi realizada a pesquisa bibliográfica voltada diretamente para o tema abordado, tem como objetivo geral colocar em pauta o assunto referente à ausência da prática da leitura e o que ela acarreta para o indivíduo, principalmente para os acadêmicos do Ensino Superior. Analisando de forma crítica e visando atingir os seguintes propósitos: identificar onde desencadeia o problema abordado sobre a ausência da leitura; enfatizar ao indivíduo a importância de ler na modalidade superior de ensino; contribuir com os estudos relacionados ao tema abordado, de maneira que favoreça em minimizar estes fatos apresentados.

A metodologia aplicada foi através da revisão de texto de autores que trabalham diretamente focados em falar sobre o exercício da leitura. No decorrer do artigo comenta-se acerca da falta do hábito de leitura e como este fato tem se tornado perceptível, uma vez que a leitura é um fator considerável para o desempenho do acadêmico superior. Observando essa prática nos acadêmicos do ensino superior, percebe-se que grande parte dos acadêmicos enfrenta dificuldades relacionadas a esta questão. Muitos ainda questionam que esta falta de prática já vem de longa data e questionam que ela deveria ser inserida ainda no âmbito familiar e com esta falta vêm as adversidades dentro no meio acadêmico; dificuldade de elaborar os trabalhos, não consegue desenvolver um texto com coerência, dúvidas de organizar períodos, medo de ler e escrever, dificuldades de apresentação de seminários, entre outros. Estes fatores devem ser levados em conta, por estarem relacionado diretamente à ausência da prática da leitura.

Com o interesse desta prática, o indivíduo aprende a compreender melhor todo material que lhe compete como acadêmico melhorando diretamente sua realidade em seu cotidiano. Desta forma acaba propiciando melhoria em seu desempenho educacional e social, no momento em que este acadêmico ler de forma correta, aprende interagir com o texto lido, contextualizar o texto, desvelando, analisando ele passa estabelecer uma opinião importante na realidade social, onde irá desenvolver o papel de sujeito transformador.

Desta forma apresenta a necessidade principalmente no ensino superior, de aprimorar esta prática, para que assim, possa compreender e desvendar o sentido da leitura, o que ela é capaz de transformar, fala da sua importância na vivência na aprendizagem do



acadêmico do Ensino Superior e de qualquer indivíduo em nossa sociedade, de uma forma universal o quanto ela é essencial em nossas vidas.

A importância da leitura

A leitura é um ato essencial ao indivíduo, proporciona momentos de aprendizagem, descobertas, transformações, conhecimentos, compreensão de fatos. Nesse sentido, podemos assimilar a leitura como uma decodificação que não se restringe apenas aos signos linguísticos, pois a mesma tem uma interpretação bem mais ampla do que diz em um simples texto, a mesma consegue interligar vários mundos através de vários contextos, uma verdadeira interação em conjuntura estabelecida em diversos momentos e formas no nosso cotidiano.

Geralmente consideradas uma responsabilidade do professor de português, as atividades de leitura (discutir, interpretar e produzir) deveriam ser compartilhadas por profissionais de todas as áreas, pois todos, de uma maneira ou de outra, são professores de linguagens. É comum ouvir professores de história, biologia e matemática, por exemplo, reclamando que os alunos não conseguem responder às questões das provas, têm dificuldade em resumir os textos do livro ou não entendem os enunciados. Menos frequente é, porém, ouvir os mesmos professores comentando que discutiram um texto com os alunos, mostraram como interpretar um problema ou ensinaram a fazer relatório (SANTOS, 2002).

A formação de leitores competentes solicita algumas circunstâncias favoráveis, tanto por parte do professor como para escola, para que o aluno possa entrar em contato com os mais diversos tipos de texto existentes, “não existem receitas milagrosas, não há remédios, não há fórmula mágica. O que os docentes possuem são algumas dicas, que se exercitadas, podem fazer com que esta difícil missão seja amenizada” (OLIVEIRA, 2013).

Em complemento a este cenário Silva (2013, p. 515) discorre:

O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares. Na escola, a leitura é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de



experiências, as discussões sobre os textos, as valorizações das interpretações dos alunos tornam-se atividades relegadas em segundo plano. A quantidade de textos “lidos” (será que de fato são “lidos” pelos alunos?) É supervalorizada em detrimento da seleção qualitativa do material a ser trabalhado com os alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) previstos para o Ensino Fundamental colocam como eixo básico da sua justificativa a questão da leitura e da escrita pela dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Dois polos de preocupação são enfocados: do primeiro ao quinto ano, ou seja, os períodos iniciais do primeiro e terceiro ciclos; um por problemas de alfabetização e o outro pelo uso não eficaz da linguagem.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem (BRASIL, 1998). Para os PCNs a leitura pode acontecer de diversas formas e em diversos momentos dentro da sala de aula, entre as quais podemos citar:

- Autônoma: oportuniza ao aluno ter o contato com a leitura, podendo ler silenciosamente textos, nos quais o indivíduo já possui uma certa capacidade de “domínio”;
- Colaborativa: leitura que o professor faz com sua sala de aula, fazendo questionamentos acerca dos instrumentos linguísticos que sustentam os sentidos do texto;
- Leituras orais proferida pelo educando e o educador (BRASIL, 1998, p. 72).

Se escrever bem fosse uma tarefa de fácil empenho, os anos de batente no ensino fundamental e médio seriam os suficientes para que, ao final dessa longa etapa, ninguém precisasse se preocupar com a temível exigência da redação nos concursos de vestibular (SENA, 2004, p. 15 *apud* OLIVIERA, 2013). É fundamental que desde as séries/anos iniciais os alunos já sejam trabalhados com os conteúdos de análises linguísticas por meio de textos produzido e os compreendam como um produto que precisa ser lapidado (ALVES, 2012).

Aprender a ler, mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras impressas tenham um significado que vai além do que está escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor. A tarefa não pode, portanto, restringir-se à alfabetização ou às séries iniciais do ensino fundamental, mas deve estender-se durante toda a vida escolar, e é imprescindível



ter como meta a formação de leitores, não meros "letores". Além disso, a leitura de textos orais, defendida nos PCNs como essencial no processo de formação do leitor, nem sempre ocorre na escola, e os próprios professores enfatizam a leitura de textos escritos – nem sempre, porém, com aprofundamento crítico (SANTOS, 2002).

Silva (2013) completa dispendo que na medida em que as leituras são impostas, objetivando o cumprimento de tarefas puramente escolarizadas, o ato de ler passa a ser compreendido pelos alunos como uma obrigação e as escolhas pessoais dos leitores não são privilegiadas. Essa concepção autoritária da leitura promove um apagamento da voz do aluno enquanto leitor e produtor de textos.

Para o professor trabalhar a leitura com os seus alunos é necessário que ele seja um leitor competente, ou seja, um leitor “que seja capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos” (BRASIL, 1998, p.70) Acreditamos nesse estudo que não é só da escola a responsabilidade de formar o leitor, e sim também da família que devem estar conscientes a dar os primeiros passos enquanto a criança está na fase das descobertas.

Em meio a inúmeros avanços no mundo moderno, principalmente tecnológico, as pessoas obtêm as informações e adquirem conhecimentos de forma um tanto fáceis, e com isso, elas deixaram de lado a leitura de livros, jornais e revistas, resultando assim, em jovens cada vez mais desinteressados em praticá-la, tornando-os, debilitados para criar, refletir, descobrir e transformar seus conhecimentos a partir deste ato, pois devido essa ausência, os mesmos mostram-se desestimulados e possuindo vocabulários cada vez mais improdutivos.

Sabe-se que a leitura é essencial para a aprendizagem do ser humano, mas, no entanto, poucos se dispõem a praticá-la. Ao ler, enriquecemos nosso vocabulário, obtemos conhecimentos, melhoramos nosso raciocínio, compreendemos melhor o sentido do texto e assim, melhoramos nosso desempenho na produção e na expressão dos conhecimentos adquiridos, pois a leitura torna nosso conhecimento mais amplo e diversificado. Muitas pessoas ainda afirmam não terem tempo para ler, todavia, isso acontece por não obterem a prática da leitura.



A fomentação da leitura do Ensino Superior

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro e talvez mais importante é determinado pela “atmosfera literária” que, segundo Bamberguerd (2000, p. 71) a criança encontra em casa. A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

De acordo com Cademartori (1994), o contato inicial com a literatura não exige o domínio do código escrito, sendo necessário que desde a pré-escola seja narrado para as crianças histórias clássicas ou populares, conduzindo os primeiramente a ter prazer de ouvi-las, para depois no decorrer dos anos, quando aprender a ler não considerar a leitura uma função de dever, mas sim de prazer, de deleite, descoberta e encantamento.

Em sala de aula, a leitura consolida-se cada vez mais como atividade atrelada à obrigação da rotina de trabalho dentro das universidades, ao passo que o ato de ler como forma lúdica e prazerosa de reconstruir mundos possíveis revela-se uma prática pouco discutida e concretizada. Como já referimos, a imposição da leitura do livro didático e das leituras “prontas”, idealizadas pelo professor, sufocam a descoberta da leitura por prazer. Tais fatores certamente inibem o acadêmico, direcionam sua compreensão no sentido de ver a literatura como fenômeno que se pode decorar para se fazer um teste, um exercício, ou para responder às questões objetivas das avaliações (SILVA, 2003).

Silva (*apud* LIMA; LAGO, 2011) divide os benefícios da prática da leitura em duas dimensões: a da linguagem e a social. Na dimensão da linguagem o autor defende que o uso do texto literário promove aquisição de linguagem no acadêmico; desperta motivação, já que o professor sai da rotina do livro didático; chama a atenção do acadêmico para outras culturas e principalmente; mostra ao aluno novas formas de construção de sentido e construções linguísticas presentes nesse tipo de texto.

Ao trazer a prática da leitura, o professor deve manter uma relação mútua com o educando: o livro, cultura e a própria realidade dos mesmos. Contando e lendo a história, ele estabelece meios para que o discente possa trabalhar com a história à partir de seu subjetivismo, discutindo e trocando informações sobre a mesma, emitindo opiniões sobre



os fatos contados (lidos), construindo defesas sobre as atitudes das personagens, produzindo situações por meio das quais as crianças deverão construir uma nova história retratando a vivência da criança, ou seja, construindo por meio da subjetividade sua própria história

No que diz respeito à dimensão social, Silva (2006) *apud* Lima e Lago (2011) afirma que “a prática da leitura aviva as emoções humanas; tornando o aluno mais sensível aos problemas do mundo, mais atento a outras realidades e ainda aumenta o conhecimento de mundo do aluno”. O princípio constitutivo da linguagem, e texto literário é, essencialmente, o trabalho artístico que se faz mediante o uso da língua, o texto literário é um espaço privilegiado de interação e dialogicidade.

Por isso é que entender esse princípio constitutivo da língua favorece o trabalhar a leitura na sala de aula, porque se aceitam os sentidos atribuídos pelos alunos a partir da compreensão de que toda palavra é dupla, dessa maneira a linguagem torna-se ainda mais transgressora e polissêmica.

Cosson (2006) salienta que o acadêmico, quando solicitado para ler em voz alta, e esta leitura se dão com fluência é um indicador que esse aluno não tem problemas em decifrar os signos. Porém, para a maioria, dos professores, quando esta leitura se dá é um aluno que sabe ler, esse aluno não tem dificuldade em decifrar a escrita ele não diz que o aluno é leitor.

Sendo a Universidade o lugar privilegiado para o desenvolvimento de uma competência cultural, aliada ao desenvolvimento da competência literária, linguística e textual, comandando um verdadeiro trabalho sobre o funcionamento dos textos, convirá desenvolver competências literárias de que a mais importante consiste na combinação de um primeiro nível de construção (a compreensão) com outro mais complexo (interpretação). O ideal é levar os alunos a viver afetivamente, a submeterem-se à ficção, abandonarem-se à ilusão referencial, deixarem-se transportar pela história, reagindo emotivamente ao que lhe é proposto (SOARES, 2010).

O professor ao introduzir a prática da leitura nas universidades tem que oferecer opções metodológicas, que possibilitam a organização de sua comunicação com os discentes, introduzindo uma temática, trabalhando com os alunos diretamente e virtualmente, podendo avalia-los. Cada professor deve encontrar meios que mais adeque de forma integrar com as diversas tecnologias e métodos eficazes. Porém, é importante a



ampliação e a dominação das formas de comunicação interpessoais/grupais e audiovisual/telemática.

Não existe receita de bolo para a problemática, pois as situações são diversas. Vale ressaltar que cabe ao professor encontrar a forma e comunicação exata para atingir sua finalidade, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem, permitindo que o educando seja atingido e assim ele aprenda melhor. Portanto faz-se necessário a diversidade nos meios de ministrar aulas, e de realizar atividades e avaliações.

Com o uso da midiática na prática docente universitária pode-se modificar mais facilmente a forma de ensinar e aprender. São muitos os caminhos que dependerão da situação concreta em que o professor se encontrar: número de alunos, tecnologias disponíveis, duração das aulas, quantidade total de aulas que o professor dá por semana.

O fato é que a intervenção do professor deve potenciar o protagonismo do aluno na construção de sentidos. Para isso, tem de fazer interagir na sala de aula a leitura individual e o comentário coletivo, aceitar a necessidade que os alunos têm de usufruir e experimentar as possibilidades criativas da linguagem.

Esta relação possibilita estabelecer projetos de leitura e dá-los a conhecer aos alunos, inter-relacionar as atividades de leitura, de escrita e de oral, potenciar o trabalho por projeto de forma a atribuir sentido próprio à tarefa, combinar o enfoque cronológico com os gêneros, os temas e os tópicos, integrar o conceito de intertextualidade promovendo o diálogo entre textos de áreas diferentes e épocas diferentes, evitar a prática tradicional da explicação rígida do texto, substituir a história da literatura pelo estudo histórico dos textos, desenvolver a criatividade, selecionar obras que vão de encontro aos interesses dos alunos, levar à reflexão sobre os aspectos formais e de conteúdos e sobretudo potenciar uma avaliação que valorize mais os processos do que os produtos (SOARES, 2010).

Na atualidade, o ensino superior, de forma geral, está mais envolvido com a utilização de novas mídias devido ao contexto de uma crescente globalização e comercialização. Os processos tecnológicos no campo das comunicações desenvolvem-se de forma cada vez mais acelerada. Sendo a leitura um ato essencial e necessário para o desempenho e aprendizagem do aluno, no âmbito acadêmico essa necessidade é ainda maior devido sua abrangência e sua diversidade.



Durante esta essencialidade, o acadêmico necessita do seu desempenho, de sua prática, de sua assiduidade para melhor desenvolver seus conhecimentos e sua aprendizagem na sua formação acadêmica como futuro profissional. Porém, nota-se que esta prática no ensino superior ainda é delimitada. Talvez devido a sua ausência dos ensinamentos anteriores, esta prática se encontre nesta carência.

A pesquisa visa trazer conhecimento para o segmento específico das universidades melhorando o desempenho da leitura no ensino superior, cuja prática do contexto pedagógico tende, principalmente a buscar pelo desenvolvimento da aprendizagem e não mais do ensino em si, e ainda aperfeiçoar a capacidade de pensar dando significado ao tema estudado.

Com isso, procura-se proporcionar pontos que justificam a necessidade de uma melhor leitura, em sala de aula, para que assim os alunos possam aprimorar seus conhecimentos, portanto decodificar não é apenas suficiente, faz-se necessário que os alunos saibam o que estão lendo, facilitando sua habilidade escrita e expressão oral, fazendo assim que seja alcançado o objetivo das universidades que é formar um indivíduo apto para o mercado de trabalho.

Conforme Kleiman:

[...] os professores deverão organizar a sua prática de formar e promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor, escolher o livro para ler e apreciar. Isso se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros [...] (1997, p.117).

O estímulo à leitura também deve ser praticado por professores do ensino superior, no entanto, não o estímulo ao desenvolvimento cognitivo do aluno, fazendo com que os textos relativos a suas respectivas formações profissionais fiquem cada vez mais desagradáveis, tornando-se barreiras para os acadêmicos e problema para os professores. Estimular, criar estratégias utilizando os conteúdos propostos nas ementas facilita o trabalho do



professor (docente) e aluno (discente) no âmbito do desenvolvimento acadêmico do educando, tornando a leitura prazerosa, por meio, de elementos do cotidiano e fazendo relação do mesmo com o conteúdo científico (disciplina).

Segundo os PCNs é necessário que a escola exponha o aluno a uma diversidade de textos, explorando a linguagem oral e escrita, textos que venham ao encontro da demanda social do momento. No Ensino Superior deve ser da mesma forma. Pois o material didático deve estar coerente com a realidade e propiciar melhores condições de apropriação do saber elaborado e o acesso às informações e experiências necessárias para efetivação do saber, isto é, para os avanços no desenvolvimento do aluno que já lê e escreve.

Os professores devem investir na funcionalidade da leitura, oferecendo uma diversidade de textos (gêneros) que abordem a mesma temática, pois o hábito de leitura dispensa a sistematização de regras gramaticais e faz o aluno apreendê-las do contexto de maneira mais agradável. Deve-se pensar, também, em fazer um estudo da língua como um todo e não fragmentar a língua em gramática, literatura e redação. Certamente o envolvimento efetivo do professor no momento da escolha associando com a realidade de seus alunos os resultados serão satisfatórios para ambos (educador e educando).

Massetto contribui e reforça essa questão ao afirmar que:

Recentemente, professores universitários começaram a se conscientizar de que o papel de docente do ensino superior, como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, de mestre ou de doutor, ou apenas o exercício de uma profissão. Exige isso tudo e competência pedagógica, pois ele é um educador, alguém que tem a missão de colaborar eficientemente para que seus alunos aprendam. Esse é o ofício e compromisso [...] (2015, p. 15).

Portanto, o trabalho do docente vai além do já pesado fardo de transmitir sua disciplina, vai exigir ainda técnica e planejamento específico para sanar a dificuldade de leitura que implica também na sua prática. Porém não é sua atribuição, pois nessa busca acaba por tomar, conjuntamente, o lugar de aprendiz, ao invés de ser a única fonte de saber, sendo este um motivador e incentivador no processo de ensino-aprendizagem, pois é fundamental a relação definida pelo professor em sala de aula ao estabelecer uma relação de diálogo e reciprocidade com os seus alunos.



Considerações finais

Diante do exposto, podemos afirmar que a família e a escola representam os fatores principais do indivíduo entrar em contato com a leitura. Através desta oportunidade o indivíduo amplia o seu universo do saber e seus horizontes de ler e escrever para algumas pessoas. Todavia, com a criação de Projetos vinculados a Educação, estes têm oportunidade de desenvolver suas atividades intelectuais, cognitivas sociais, aprimorando-as com mais desenvoltura.

Projetos criados para contribuir com esse desenvolvimento do indivíduo com dificuldades de leitura e escrita possibilitam integração no universo letrado, ou seja, um processo amplo, que envolve a produção do sentido, pois de nada adianta ler sem compreender, ouvir sem gostar. É no encontro com qualquer forma de Literatura que o educando possui a possibilidade de ampliação, transformação, ou enriquecimento de sua experiência de vida leitora.

Ao refletir sobre a importância da prática de leitura, mais especificamente no ensino superior, constata-se a necessidade de contribuir para melhorar o desempenho e a prática do ato de ler tanto para os universitários como para qualquer indivíduo. Pois, percebe-se que há certa carência do educando que pratica uma leitura proficiente, um acadêmico que busca aprender por meio dos livros, das revistas acadêmicas e de outras fontes onde é necessário praticar uma leitura assídua, detalhada e com afinco.

Infelizmente, ainda é frequente no meio universitário, acadêmicos desinteressados por esta prática, pois, devido suas experiências educacionais anteriores, os mesmos permanecem quase ilesos, e sem estímulo de mudança. Diante desta realidade, cabe a universidade, por meio da prática docente, buscar meios para reverter este quadro, e aos acadêmicos a incumbência de mudar os hábitos anteriores e aprimorar a prática constante no que se refere ao ato de ler.

Lembrando que é por meio da leitura que se consegue o domínio da palavra, e assim, trocamos conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, transformando-nos, e permitindo-nos construir um mundo melhor. Por sermos seres integrados, capazes de relacionar e isso nos tornasse capazes de operar transformações. Nossa experiência nos permite avançar no conhecimento e, assim, amplia nossa visão de mundo.



Por tudo isso, é fundamental que o educador tenha sensibilidade para perceber as dificuldades dos educandos e intervenha de maneira satisfatória, levando-os à construção da leitura.

No entanto, se não temos costume de ler podemos iniciar a qualquer momento, observando o que temos a nossa volta, aguçando nossa curiosidade de sermos autônomos, despertando o prazer de ler livros, jornais e revistas acadêmicas, e assim aprimorar seu conhecimento e sua aprendizagem, uma vez que ao ler um determinado texto, poderemos ter várias interpretações, facilitando o entendimento e apreendendo sua visão sobre aquilo que for por ele lido e apresentado, fazendo com que o mesmo possa ler e apreciar o mundo a sua volta, e esta é uma realidade que cabe, especialmente, ao leitor desenvolver com mais eficácia esta habilidade.

Referências Bibliográficas

ALVES, Andresa Guedes Kaminski. Produção de Textos no Ensino Fundamental: Reflexões Sobre Atividades com a Língua por Meio da Reescrita. In: **Anais do SIELP**. 2(1). Uberlândia: EDUFU, 2012.

BAMBERGUERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7º ed. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, Ligia. **A formação do leitor: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental**. São Paulo: Moderna, 1994.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leituras**. São Paulo: Cortez 1997.

LIMA, T. H.; LAGO, N. A. O texto Literário como recurso Didático na sala de aula de Língua Estrangeira – Um estudo de caso. In: **Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí**, 2011.

MASSETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 2015.

OLIVEIRA, Joaquina Maria B. de. **Produção de Texto: Um desafio a ser vencido**. 2013. Disponível em: «<http://www.uninorte.com.br>». Acessado em 02 de dezembro de 2014.



MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE PARINTINS

SANTOS, Leonor Werneck dos. **Leitura na Escola: Textos literários e formação do leitor.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: Da teoria literária à prática escolar. In: **Anais do Evento PG Letras 30 anos.** 1(1): 514-527, 2003.

Trabalho apresentado em 13/02/2017

Aprovado em 23/06/2017